

PMS / FMLF BIBLIOTECA	
Jornal:	
Data:	
Caderno:	Página:
Edição:	
Assunto:	
DEFICIENTE	

O difícil acesso à acessibilidade

DANIELA PEREIRA
REPÓRTER

Passar cerca de 15 minutos para conseguir utilizar a entrada especial para deficientes físicos, se deparar com o despreparo dos cobradores, durante manuseio do elevador hidráulico de acesso e/ou com as péssimas condições do equipamento tornou-se uma situação corriqueira em Salvador. Atualmente, apenas 55% da frota dos ônibus coletivos da cidade (1346) possuem porta de acesso para pessoas com mobilidade reduzida, conforme informou a Secretaria Municipal de Transporte e Infraestrutura (Setin), o que resulta em reclamações de usuários por falta de inclusão social e constrangimentos durante o uso do equipamento.

Uma cena comum, flagrada por um passageiro de um ônibus retrata um cotidiano da cidade. Segundo a estudante de comunicação, Adriana Silva, 29 anos, uma idosa deficiente passou por más situações na hora de subir ao ôni-

bus. Velho da Federação/Nazaré, já que a cobradora, que não soube manusear o elevador especial, situado na porta do meio do veículo. "Passamos cerca de 40 minutos aguardando a senhora subir ao ônibus. De início, a cobradora não soube descer o elevador hidráulico e pediu ajuda a outro cobrador, que seguia viagem como passageiro, mas ele acionou o motorista. Após a mulher se acomodar em um dos assentos, a cobradora não conseguiu recolher o equipamento e ordenou que todos os passageiros entrassem em outro ônibus. O que gerou uma grande revolta", contou a estudante.

Ainda de acordo com Adriana, durante as tentativas frustradas, os passageiros reclamaram sobre o despreparo dos rodoviários e o atraso da viagem, causando constrangimentos em quem necessitava utilizar o serviço. "Foi notória a vergonha da mulher pelo transtorno causado pelos cobradores. Após todos os passageiros descerem, eles ainda a carregaram e ela ficou cerca de 15 minutos esperando outro ônibus adaptado. Um



ADAPTADOS

Em poucos casos o passageiro tem a sorte de subir com facilidade, como deveria ser

De acordo com a Setin, a quantidade de ônibus adaptados em Salvador é considerada uma das maiores em favor da inclusão social do país. Sobre a manutenção dos elevadores a secretaria afirmou que esta ocorre por conta das próprias empresas, porém ga-

rantie que o "funcionamento dos equipamentos tem ocorrido dentro da normalidade". Em relação ao treinamento dos rodoviários a pasta garante que o treinamento ocorre, através de "orientação das empresas de ônibus".

Na tarde de ontem, a Tri-

Despreparo de cobradores e péssimas condições de elevadores hidráulicos em ônibus. Essa é a realidade enfrentada pelos deficientes físicos

Mobilidade ainda é desafio

Apesar de a legislação garantir a inserção de deficientes físicos na sociedade, eles ainda se sentem excluídos da comunidade onde vivem. Além dos poucos transportes adaptados, é preciso conviver com calçadas esburacadas, terminais de ônibus sem rampa e escadas rolantes quebradas, o que torna Salvador uma das mais despreparadas do país.

Segundo a presidente da Associação Baiana de Deficientes Físicos (Abadef), Luiza Câmara, a acessibilidade não está sendo tratada como deveria, pois os prejuízos não ficam limitados somente aos deficientes físicos e sim aos obesos, idosos e gestantes. "A mobilidade está ligada ao direito de ir e vir. Salvador é uma cidade cruel e despreparada", afirmou, ressaltando que um conjunto de fatores resulta os problemas encontrados pelos deficientes físicos, que utilizam ônibus. "Além de termos poucos ônibus adaptados, os elevadores hidráulicos só vivem quebrados e os cobradores não recebem nenhum tipo de treinamento. O motorista, por sua vez, acha que a função dele se restringe a dirigir e a população ainda se rebela contra nós, como se estivéssemos atrasando a viagem", completou.

De acordo com o último censo, realizado em 2010, 20% da população baiana apresenta algum tipo de deficiência física ou restrição de mobilização, o que representa cerca de 600 mil pessoas. Com mais de 4 mil associados, a Abadef também atua na fiscalização para que se cumpram as cotas de vagas no mercado de trabalho.

buna tentou contato com duas empresas de ônibus, que circulam no Subúrbio Ferroviário e estações de transbordo, mas não obteve êxito. De acordo com a atendente, não havia disponibilidade de um funcionário "adequado a falar sobre esse assunto".

FOTO: REGINALDO IPÊ